



## **FRACASSO ESCOLAR DE CRIANÇAS INDÍGENAS: UM OLHAR PARA INCLUSÃO**

**Iara Aparecida Paiva**

**Pedagoga/Psicopedagoga/Msc. em Educação/Professora da UEMASUL**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-

[Neuropsicopedagogia1@yahoo.com.br](mailto:Neuropsicopedagogia1@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi analisar as questões relativas a qualidade do fracasso escolar e os danos causados à saúde mental de uma população formada por crianças indígenas, pertencentes a aldeia urbana do Parque Amazonas, bairro da periferia do Município de Imperatriz e a aldeia São José dos índios Krikati, no município vizinho de Montes Altos e que foram encaminhadas pelos seus professores a um Centro de Atenção Psicossocial, órgão esse responsável pelo tratamento de Transtornos mentais graves. Há necessidade de se buscar compreender as situações que tem levado essas crianças a apresentarem dificuldades de aprendizagem, a alterarem seus comportamentos e a desenvolverem sintomas capazes de interferir na sua saúde mental e verificar qual a repercussão desses sintomas nos processos de formação intelectual e social do povo indígena. Esta pesquisa se norteará pela abordagem histórico-dialética que, por sua própria característica, possibilitará a conjugação de diversos instrumentos na coleta de dados e maior envolvimento do pesquisador com o ambiente da pesquisa. O universo da pesquisa de campo serão crianças indígenas, pacientes do CAPSIJ. Os informantes da pesquisa serão as crianças indígenas, pacientes do Centro de atenção psicossocial, seus responsáveis, professores e técnicos do CAPSIJ. Os principais instrumentos utilizados serão: a análise de documentos, as entrevistas e a observação. Como principal questão está o fracasso escolar, como um problema social, político e de saúde mental, atingindo a qualidade de vida dos sujeitos, trazendo consequências a todas as sociedades, incluindo as crianças indígenas. Um sintoma considerado grave, pertencente a uma patologia que tem avançando para os povos indígenas.

**Palavras chave:** Fracasso escolar. Inclusão. Psicologia. Educação Infantil

### **O SURGIMENTO DO FRACASSO ESCOLAR**

O Fracasso Escolar em tempos atuais tem sido considerado não só um momento caracterizado por dificuldades de aprendizagem, mas também como uma patologia que se instala provocando um grande mal estar, afetando a saúde mental do sujeito. A criança que não aprende perde o prestígio e a admiração de pais e professores e denuncia a incapacidade do sistema educacional. Segundo Cordié (1996, p.17) o fracasso escolar é uma patologia recente. Só pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no fim do século XIX e tomou um lugar considerável nas pre-ocupações dos nossos contemporâneos em consequência de uma mudança radical em nossa sociedade.

O sujeito deixa de aprender por apresentar, em algum momento, dificuldades ou Transtornos de aprendizagem evidencia perdas significativas na área social, emocional e cognitiva. Cercada por



incertezas, o comportamento social é alterado e é gerado uma série de sintomas escolares que vão causar grande sofrimento e sentimentos de tristeza, baixa auto-estima, hiperatividade, redução dos níveis de atenção concentração, enurese, ansiedade, obesidade, anorexia, enxaqueca, alergia e muitos outros (BOSSA, 2002 p. 60).

O fracasso escolar só pode surgir com a instauração da escola obrigatória no fim do século XIX e surgiu como fenômeno a partir de meados do século XX. A concepção de infância da época deixava as crianças sem a proteção dos pais que se consideravam incapazes para cuidar dos filhos. Conforme Bossa (2002), a criança ocupava um lugar meramente instrumental, não lhe era dada nenhuma importância, era vista como incapaz. O século XIX consolidava-se o capitalismo industrial. Mas é no século XX que o fracasso escolar começa a ser justificado primeiramente pela linha da medicina, a partir de estudos neurológicos, neuropsiquiátricos e neurofisiológicos.

## O FRACASSO ESCOLAR DE CRIANÇAS INDÍGENAS

No primeiro semestre de 2013 o Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Juventude de Imperatriz, um espaço de responsabilidade do Governo Federal e Municipal, que atua na área da saúde mental, recebeu encaminhamentos de crianças e adolescentes indígenas, estudantes de escolas públicas da área urbana e de aldeias próximas a cidade de Imperatriz, no Maranhão. Professores encaminharam para uma Avaliação multidisciplinar por apresentarem dificuldades no processo de aprendizagem, baixo rendimento escolar e comprometimentos no comportamento. O Centro de Atenção Psicossocial foi implantado há dez anos e apenas em 2013 foram realizados registros de atendimentos a crianças indígenas, fato que nos causou estranheza e nos despertou a conhecer e entender a situação e a qualidade do Fracasso Escolar dessa população constituída especificamente de crianças indígenas. Nas aldeias, as evidências de dificuldades de aprendizagem instaladas no aprender não são socializadas nem recebem status de importância. Segundo Grupione (1995), as crianças participam das atividades cotidianas e rituais de grupo, raramente são punidas e há uma relação de tolerância, paciência, atenção e respeito dos mais velhos, assim crescem e se tornam adultas. Segundo Marina Kahn (1994) a educação indígena estaria desvinculada de uma prática desestabilizadora do ethos tribal, orientada pelos processos tradicionais de controle e reprodução do grupo. Ao habitarem as aldeias urbanas e frequentarem as escolas públicas convivem com espaços pobres do conhecimento da cultura indígena. Esse distanciamento de culturas e territórios interferem na relação de vínculos, transmissão e assimilação de conhecimento. Diante de



tais considerações questiona-se as ações que estão sendo praticadas pelos professores, capazes de contribuir para a fabricação de sintomas do não aprender e que cooperam para a instalação de um fracasso escolar em crianças indígenas. Bossa (2002, p. 60), assegura que o sintoma do fracasso escolar é bastante mobilizador e que muitas crianças possivelmente o sinalizaram em suas casas, durante anos, mas somente quando começam a fracassar na escola é que se fazem ouvir.

Conforme Pain (1985, p. 11) o processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura. Concordamos com Paredes (1995) quando afirma que pela sua complexidade uma escola indígena exige um alto nível de formação e capacitação docente dos educadores, pela existência de características lingüísticas, culturais, históricas, sociais, econômicas e políticas particulares. Entendemos que uma escola indígena tem características bem distintas das escolas urbanas e que elas não devem funcionar com a mesma lógica, e que, o processo de inclusão de crianças indígenas deve levar em consideração as diferenças culturais e étnicas.

O que não percebemos frente ao caso da criança indígena A.M.S, na qual chamaremos aqui de Janaina. Janaina é uma criança de oito anos. Chegou ao Centro de atendimento psicossocial trazida pelos pais, encaminhada pela escola.

Após a triagem foi encaminhada para o atendimento psicopedagógico, o qual sou responsável. Timida, quieta permaneceu em silêncio durante toda a entrevista realizada com os pais, que relataram que a criança ainda não sabe ler, não se interessa pelos estudos e não quer ir para a escola. A família saiu da aldeia no ano de 2011 e veio para a cidade de Imperatriz. Habita em uma aldeia urbana, em um bairro da periferia e Janaina estuda em uma escola regular. Segundo a sua história clínica, teve um desenvolvimento normal, até chegar aos sete anos, quando a professora percebeu que havia um atraso no aprendizado da leitura e dificuldades no relacionamento com os colegas. Sem saber como agir, os pais acolheram a queixa da professora e começaram a exigir da filha maior investimento nas atividades.

Porém os mesmos declararam que aprenderam ler muito pouco e não estudaram além do terceiro ano escolar fato que os impediu de auxiliar a filha. Janaina começou então a desenvolver em 2012 um isolamento na escola. A professora levantou a hipótese de autismo e a encaminhou para o CAPS infantil. Após o acolhimento de Janaina ao CAPS para a avaliação e posterior intervenção, mais duas crianças indígenas foram encaminhadas. Na Avaliação Psicopedagógica de Janaina constatamos níveis de linguagem, memória, atenção, raciocínio lógico, condutas neuromotoras adequados para a idade, porém um atraso na leitura e escrita, ocasionado pela dificuldade na adaptação da criança a metodologia de ensino e um recolhimento social na escola



também oriundos do processo de adaptação que não ocorreu devidamente. Notou-se na avaliação psiquiátrica normalidade avaliação psicológica certo grau de angústia. Nenhum sintoma autístico foi detectado pela equipe multiprofissional.

## CONCLUSÃO:

Compreendemos que a relação dos sujeitos com seus pares e com a escola nos ajuda a identificar as influências benéficas e maléficas do ensino na formação de um cidadão seja ele índio ou não, por isso, essas instituições precisam ser pensadas, fiscalizadas, estudadas e pesquisadas. É importante que se conheça como e por que um sintoma, como o fracasso escolar, tem atingido a sociedade indígena através de suas crianças e qual a repercussão desse sintoma nos processos de formação intelectual e social dessa população.

Diante disso faz-se necessário situar o fracasso escolar de crianças indígenas como um novo sintoma, visitar suas individualidades e processos coletivos. As crianças indígenas ao participarem de processos educacionais dentro de um espaço o qual chamamos de Escola se colocam diante de estruturas carregadas de ideologias que muitas vezes afetam a própria cultura, como o que ocorreu com Janaina. Por ser a escola um espaço criado pela sociedade dominante, para forjar homens que aceitem a relação de dominação/submissão, mantendo os quadros situacionais em favor do progresso e da civilização, por produzir formas culturais diferentes e parâmetros aos indígenas por ajudar, muitas vezes a demolir suas tradições culturais, substituindo-as por outras; consideramos a Escola e todo o aparato que a compõe como tendo um caráter de Frente de conteúdo ideológico (ASSIS, op. cit: 28).

Nesse sentido, não existe educação para crianças indígenas dentro ou fora da aldeia que resguarde totalmente as particularidades da sociedade indígena. Quando deixam suas aldeias e vão para os espaços urbanos as famílias indígenas fazem uma opção por um modo não índio de se viver, pois terão que respeitar as regras sociais da cidade. Para Bleger (1989), criador da teoria das estruturas de conduta, a formação de tais estruturas baseia-se no fato de que toda conduta é um papel e, portanto, uma função social e que as funções sociais são necessariamente limitadas em cada cultura, ainda que se admita a sua variedade. Estar longe da cultura por imposições ou circunstâncias alheias a sua vontade afeta a criação de vínculos, afeta a possibilidade de se aproximar do objeto do conhecimento e altera a formação da personalidade. As crianças indígenas, uma vez urbanas, sofrem com a descaracterização de seu processo de identidade cultural. Por sua



vez, as escolas que são implantadas nas aldeias carregam na sua estrutura uma precariedade na proposta político pedagógica. Segundo Tassinari (2000), há um caráter de extermínio dos padrões culturais imposto por essa instituição externa à sociedade indígena, justamente como espaço criado pela sociedade dominante.

Para os índios a educação que define seus anseios é totalmente distante daquela praticada nos tempos coloniais, por missionários e representantes do governo. Atualmente os povos indígenas encaram a educação escolar como instrumento de luta e não deixam de perceber que, ainda existe, mesmo de forma inconsciente, um desejo de aculturação e de integração, um desejo de introduzi-los na sociedade por meio da escolarização.

Durante cem anos houve a imposição de um modelo de escola centralizadora, etnocêntrica, que só reconhecia e valorizava o que vinha de fora (SANTOS, 2009). Segundo Silva (2011) a situação de subordinação das culturas indígenas não se deu de forma passiva pelos índios, desde os primeiros contatos com os europeus com os diversos povos indígenas houve situações de enfrentamento, não somente físico, mas que envolve até os dias atuais jogos de saberes e discursos entre as civilizações. Podemos perceber, através da história que as lutas dos povos indígenas para garantir o direito as terras, permanência da cultura, garantia a liberdade e forma de vida particulares caracterizam um povo que teima em viver ao seu modo porque ainda acredita que o melhor para a sua descendência é a sua própria cultura.

No meio da incerteza de sobrevivência desses povos está a criança indígena que obedece sem questionar a ordem que as coisas acontecem, recebe mandatos corrompidos que dificultam a circulação de saberes da escola, do currículo e da sua cultura e da cultura do outro.

Mesmo enfrentando toda esta problemática, a prioridade de uma escola indígena e uma escola não indígena, mas que inclui estudantes indígenas, é hoje uma necessidade pós- contato, que tem sido assumida pelos índios, mesmo com todos os riscos registrados ao longo da história. A escola é, dentro deste contexto, o lugar onde a relação entre conhecimentos tradicionais e novos conhecimentos deverá se articular de forma equilibrada (SANTOS, 2009), e jamais deverá perder seus valores e sua cultura.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. *In*: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1994. (35-45).





ASSIS, Eneida Correa de. **Escola Indígena, uma Frente Ideológica?** Dissertação de Mestrado, PPGA\UnB, Brasília, 1981.

BOSSA, Nádia. **O fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BLEGER, J. **Psicologia da conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ASSIS, Eneida Correa de. **Escola Indígena, uma Frente Ideológica?** Dissertação de Mestrado, PPGA\UnB, Brasília, 1981.

GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. **Educação e Diversidade**. In: GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (Org.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º. e 2º graus. Brasília: MEC\ MARI\UNESCO, 1995.

KAHN, Marina. **Educação indígena versus educação para índios**. In: Em aberto no. 63 jul. set Brasília.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação**. São Paulo, Pioneira.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Escola Indígena: Novos horizontes teóricos, Novas fronteiras de educação**. In: SILVA, Aracy Lopes da, FERREIRA Mariana Kawall Leal. (Orgs). **Antropologia, História e Educação**. São Paulo, Global, 2001.